

O AJUSTAMENTO CRIATIVO NA VIDA DE MULHERES NEGRAS: ENFRENTAMENTO ÀS DEMANDAS SOCIAIS E CONTEXTUAIS NA REALIDADE BRASILEIRA

THE CREATIVE ADJUSTMENT IN THE LIVES OF BLACK WOMEN: FACING
SOCIAL AND CONTEXTUAL DEMANDS IN THE BRAZILIAN REALITY

EL AJUSTE CREATIVO EN LA VIDA DE MUJERES NEGRAS:
ENFRENTAMIENTO A LAS DEMANDAS SOCIALES Y CONTEXTUALES EN LA
REALIDAD BRASILEÑA

Anne Karinne Nóbrega Barreto¹
Maria Emilia da Silva Pereira²
Maria Eduarda Soares Diniz Antunes³
Maria Angélica Alves⁴

RESUMO: Esse artigo buscou revisitar o conceito de neurose a partir da Gestalt-terapia, e relacioná-lo aos processos de ajustamento experienciados por mulheres negras. Além disso, entrecruzamos o pensamento de Fritz Perls com estudiosas da filosofia e antropologia, Carla Akotirene e Lélia Gonzalez, que abordam em suas obras como sucede a construção do apagamento histórico e as consequências da opressão na subjetividade da mulher negra a partir das imposições raciais, sendo estes autores utilizados prioritariamente. As obras *Por um feminismo Afro-Latino-Americano* (GONZALEZ, 2020) e *Interseccionalidade* (AKOTIRENE, 2019) agregam à pesquisa com seu conhecimento prático e teórico acerca da realidade histórico-político-cultural da vivência de mulheres pretas no Brasil, relacionando as teorias abordadas nos materiais com a área da psicologia. De acordo com o estudo elaborado pelo Ministério da Igualdade Racial (MIR), as mulheres negras representam o maior grupo social que corresponde a mais de 28% da população total no Brasil (MIR, 2023), entretanto existem poucas obras científicas de abordagem gestáltica voltadas para esse público. Dessa forma, a pesquisa visou ampliar o olhar não apenas dos leitores interessados, mas também fomentar o debate acadêmico e o desenvolvimento de pesquisas relacionadas ao tema proposto.

3319

Palavras-chave: *Gestalt*. Neurose. mulheres negras.

¹ Pós-graduanda em Neuropsicologia Clínica: Avaliação e Reabilitação e graduada em Psicologia, Faculdade de Ciências Humanas ESUDA.

² Pós-graduanda em Neuropsicologia Clínica: Avaliação e Reabilitação, Faculdade de Ciências Humanas – ESUDA.

³ Pós-graduanda em Gestalt-terapia, UNIFACOL – Centro Universitário FACOL.

⁴ Mestre em Direitos Humanos, Universidade Federal de Pernambuco – UFPE.

ABSTRACT: This article sought to revisit the concept of neurosis from a Gestalt therapy perspective and relate it to the adjustment processes experienced by Black women. Furthermore, we intertwined the ideas of Fritz Perls with those of philosophy and anthropology scholars, Carla Akotirene and Lélia Gonzalez, who address in their works how the construction of historical erasure and the consequences of oppression on the subjectivity of Black women occur due to racial impositions, with these authors being used as a priority. The works *Por um feminismo Afro-Latino-Americano* (GONZALEZ, 2020) and *Interseccionalidade* (AKOTIRENE, 2019) contribute to the research with their practical and theoretical knowledge about the historical-political-cultural reality of Black women's experiences in Brazil, connecting the theories discussed in the materials with the field of psychology. According to a study by the Ministry of Racial Equality (MIR), Black women represent the largest social group, accounting for more than 28% of the total population in Brazil (MIR, 2023), yet there are few scientific works with a Gestalt approach focused on this population. Thus, the research aimed to broaden the perspective not only of interested readers but also to foster academic debate and the development of research related to the proposed topic.

Keywords: Gestalt. Neurosis. Black women.

RESUMEN: Este artículo buscó revisar el concepto de neurosis a partir de la Terapia Gestalt, y relacionarlo con los procesos de ajuste experimentados por mujeres negras. Además, entrelazamos el pensamiento de Fritz Perls con el de las estudiosas de la filosofía y antropología, Carla Akotirene y Lélia Gonzalez, quienes abordan en sus obras cómo se produce la construcción del borrado histórico y las consecuencias de la opresión en la subjetividad de la mujer negra a partir de las imposiciones raciales, siendo estas autoras utilizadas prioritariamente. Las obras *Por um feminismo Afro-Latino-Americano* (GONZALEZ, 2020) e *Interseccionalidade* (AKOTIRENE, 2019) agregan a la investigación con su conocimiento práctico y teórico sobre la realidad histórico-político-cultural de la experiencia de mujeres negras en Brasil, relacionando las teorías abordadas en los materiales con el área de la psicología. Según el estudio elaborado por el Ministerio de Igualdad Racial (MIR), las mujeres negras representan el mayor grupo social, que corresponde a más del 28% de la población total en Brasil (MIR, 2023), sin embargo, existen pocas obras científicas con un enfoque gestáltico dirigidas a este público. De esta forma, la investigación buscó ampliar la mirada no solo de los lectores interesados, sino también fomentar el debate académico y el desarrollo de investigaciones relacionadas con el tema propuesto.

3320

Palabras clave: Gestalt. Neurosis. mujeres negras.

INTRODUÇÃO

Este artigo buscou revisar o conceito de neurose na perspectiva da Gestalt-terapia, com o objetivo de relacioná-la aos processos de ajustamento criativo experienciados por mulheres negras. A pesquisa surge da necessidade de interseccionar a teoria gestáltica a um debate sociopolítico sobre o racismo e as questões de gênero no Brasil. Embora as mulheres negras

constituem o maior grupo social do país, representando mais de 28% da população total (MIR, 2023), existe uma lacuna significativa na literatura científica da Gestalt-terapia que contempla a sua realidade e subjetividade. O silenciamento frente a esse grupo contribuiu para o apagamento histórico de suas narrativas e vivências.

Para abordar essa problemática, o estudo buscou entrecruzar o pensamento de Fritz Perls, autor da obra *A Abordagem Gestáltica e Testemunha Ocular da Terapia* (PERLS, 1988), com as reflexões de pesquisadoras fundamentais para a compreensão da realidade histórico-político-cultural da mulher negra no Brasil. Prioritariamente, foram analisadas as obras de Carla Akotirene (*Interseccionalidade*, 2019), que discute a marginalização estrutural decorrente da relação entre racismo e sexismo, e de Lélia Gonzalez (*Por um Feminismo Afrolatinoamericano*, 2020), que evidencia os mecanismos de branqueamento e as limitações do feminismo hegemônico em relação às mulheres negras.

O trabalho também se fundamenta em outras produções que enriqueceram a análise, como as de Nei Lopes (*Bantos, Malês e Identidade Negra*, 2022), Frazão e Sukumitsu (*Gestalt-terapia: conceitos fundamentais*, 2014), Neuza Santos (*Tornar-se Negro*), Iray Carone (*Psicologia do Racismo*), Dealdino (*Mulheres Quilombolas*), Livia Arrelias (*Gestalt-terapia, Novas Vozes, Novos Olhares*) e Cida Bento (*O Pacto da Branquitude*, 2022), esta última

3321

abordando a importância do Feminismo Negro. A partir de um olhar que articula Gestalt-terapia, interseccionalidade e a experiência da mulher negra, o presente artigo se propôs a analisar como as imposições raciais e de gênero impactam a subjetividade feminina negra, manifestando-se como mecanismos de ajustamento que se relacionam com o conceito de neurose. O estudo visa não apenas ampliar o olhar dos leitores, mas também fomentar o debate acadêmico e o desenvolvimento de novas pesquisas na área, atribuindo a Gestalt-terapia a questões de raça, classe e gênero.

MÉTODOS

Trata-se de uma pesquisa de cunho documental e bibliográfico, que se baseou na análise e interpretação de livros, artigos científicos e outras produções textuais relevantes para o tema. A natureza deste estudo, não envolvendo a coleta de dados com seres humanos ou animais, dispensa a aprovação por um comitê de ética em pesquisa.

Para a realização deste trabalho, foram consultadas fontes primárias e secundárias. As fontes primárias consistem nas obras de Fritz Perls (*A Abordagem Gestáltica e Testemunha Ocular da Terapia*, 1988), Carla Akotirene (*Interseccionalidade*, 2019) e Lélia Gonzalez (*Por um*

Feminismo Afrolatinoamericano, 2020), que serviram como pilares conceituais do projeto. Adicionalmente, o estudo utilizou referências bibliográficas que nortearam o desenvolvimento teórico, incluindo os trabalhos de Nei Lopes (2022), Frazão e Sukumitsu (2014), Neuza Santos, Iray Carone, Dealdino, Livia Arrelias e Cida Bento (2022).

A análise dos materiais se deu por meio de uma abordagem qualitativa, em que foram coletados argumentos e teorias que estabelecem um diálogo entre os conceitos da Gestalt-terapia e as vivências sociais e políticas da mulher negra no Brasil. A metodologia consistiu em uma análise crítica do conteúdo dos materiais, visando identificar as intersecções entre o conceito de neurose e os mecanismos de ajustamento criativo frente às imposições raciais e de gênero.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A psicoterapia Gestáltica é uma abordagem fenomenológica fundada por Fritz Perls, desenvolvida com a perspectiva de que o indivíduo deixa de ser considerado um ente dissociado e dividido (MARTÍN, 2023, pág 27). Beatriz Cardella, em seu livro “A construção do psicoterapeuta: uma Abordagem Gestáltica” (2002) reflete a percepção do homem como “inerentemente relacional, dotado de singularidade, além de concreto e corporificado” (CARDELLA, 2002, pág 35). Outro conceito a ser refletido é a percepção de mundo trazida por essa linha de atuação. Nesse contexto, compreende-se o campo de vivência como um referencial importante para a tomada de decisões, uma vez que o indivíduo é afetado e afeta o mundo, o que pode limitar a atuação do sujeito; e a ampliação das possibilidades de agir decorrentes do ambiente em que está inserido.

Segundo Ángels Martín (2023, pág 30):

O organismo é considerado como uma unidade numa contínua inter-relação com o ambiente. Portanto, organismo e ambiente são dois campos considerados em total inter-relação condicionando-se mutuamente, e todo comportamento, tanto no mal como patológico, é interpretado como a expressão, ou melhor, como uma forma de expressão, das diferentes maneiras de o organismo funcionar e reagir em totalidade. (MARTÍN, 2023, pág 30).

Diante disso, um dos objetivos da abordagem é trazer à luz da consciência a capacidade do paciente de conceber o mundo e a si mesmo, podendo assim tomar decisões em meio ao mar de possibilidades e se responsabilizando por seus próprios atos de existência. Continuamente, conceitos como os de autorregulação e homeostase ilustram a importância da satisfação de necessidades. Uma vez que o homem está em constante contato com o mundo, esse tende a se autorregular de forma orgânica, fazendo emergir suas necessidades, desejos e compreendendo que nenhum ser se torna autossuficiente. Ángels Martín (2023) salienta que o organismo se

ajusta da melhor maneira às demandas que se apresentam durante o seu processo de desenvolvimento. Com isso, ao se privar dos processos de ressignificação de suas urgências, o sujeito neurótico se desconecta das suas necessidades e emoções a partir de atitudes reprimidas.

A neurose na perspectiva gestáltica apresenta-se como a impossibilidade de atribuir sentido ao fenômeno que emerge da relação indivíduo-mundo. Segundo Fritz, a neurose surge no momento em que “simultaneamente, o indivíduo e o grupo vivenciam necessidades diferentes, e quando o indivíduo é incapaz de distinguir qual é a dominante” (PERLS, 1988, página 42). Criando uma fantasia para explicar o papel do opressor, podendo essa figura variar entre si e a sociedade/meio, sem nunca “atribuir” uma responsabilização ou elencar qual das necessidades é dominante (de si ou do meio). Diante da cristalização, o indivíduo em estado neurótico é acometido pelo sofrimento em sua vivência, incômodo esse que não o permite visualizar de forma holística suas relações e fenômenos emergentes, despresentificando-o.

Ao trazermos a discussão de negritude nesta pauta com questões histórico-raciais, torna-se de suma importância refletir sobre a relação que a neurose tem com a hierarquia de necessidades e a criação de uma fantasia. De acordo com o que foi citado anteriormente, esse estado psíquico surge a partir da impossibilidade de priorizar as necessidades do grupo ou de si mesmo, criando uma fantasia para representar aquele cenário. No entanto, ao olharmos para realidade da mulher negra, podemos perceber um paradoxo entre a impossibilidade de agir, apesar do reconhecimento das “prioridades de necessidades”.

3323

Segundo Lélia Gonzalez (2020):

É por aí que a gente entende por que dizem certas coisas, pensando que estão xingando a gente. Tem uma música antiga chamada “Nega do cabelo duro” que mostra direitinho por que eles querem que o cabelo da gente fique bom, liso e mole, né? É por isso que dizem que a gente tem beijos em vez de lábios, fornalha em vez de nariz e cabelo ruim (porque é duro). E quando querem elogiar dizem que a gente tem feições finas (e fino se opõe a grosso, né?). E tem gente que acredita tanto nisso que acaba usando creme pra clarear, esticando os cabelos, virando leidi e ficando com vergonha de ser preta. Pura besteira. Se bobear, a gente nem tem que se defender com os xingamentos que se referem diretamente ao fato de a gente ser preta. E a gente pode até dar um exemplo que põe os pingos nos is. (Gonzalez, 2020, p. 76)

Refere-se portanto a desqualificação do que é fenotipicamente ser negro. Continuamente, a relação de alienação e resistência (investindo no padrão de branqueamento a fim de furar bolhas) só se diferencia devido aos significados que são dados ao fenômeno e à reação do sujeito. Apesar da citação abordar somente os aspectos físicos e de expressão do ser, vale ressaltar que esse “fenômeno” não se restringe somente à área estética.

Segundo Carla Akotirene (2018; pág 18):

A despeito do feminismo hegemônico argumentar que na velhice as mulheres experimentam discriminações geracionais impostas pelo mercado de trabalho, o qual as

consideram velhas; e de classe, porque perdem o dinheiro da aposentadoria para netos e adultos da família, é a marcação de raça que garantirá às mulheres brancas seguridade social, pois estas tiveram emprego formal, e a marcação de classe irá mantê-las na condição de patroas. No pensamento de vanguarda de Sojourner Truth, raça impõe à mulher negra a experiência de burro de carga da patroa e do marido. Para a mulher negra inexistente o tempo de parar de trabalhar, vide o racismo estrutural, que as mantém fora do mercado formal, atravessando diversas idades no não emprego, expropriadas; e de geração, infantil, porque deve fazer o que ambos – marido e patroa – querem, como se faltasse vontade própria e, o que é pior, capacidade crítica. Independentemente da idade, o racismo infantiliza as mulheres negras. Velhice é como a raça é vivida; e classe-raça cruza gerações, envelhecendo mulheres negras antes do tempo. (AKOTIRENE, 2018, P. 18).

Nesse cenário, as imposições sociais hegemônicas estão sempre acima da necessidade das mulheres negras, e o risco de sofrer com as consequências ao deixar de lado as necessidades do grupo torna-se real, não mais sendo uma fantasia como na neurose. Aqui, o fator adoecimento é uma existência pautada sobre o reconhecer a importância de saciar suas demandas, mas compreender que existe uma barreira real e social que a impede de fazê-lo.

A partir do conhecimento e reflexões elaboradas, pode-se considerar que o conceito de neurose, proposto por Fritz Perls, sendo esse postulado criado a partir de uma referência de subjetividade branca e européia, não seja de todo adequado para uma leitura mais fidedigna da subjetividade da mulher negra brasileira. Compreende-se, portanto, que as imposições e expectativas que são direcionadas a ambos os grupos têm pesos e medidas diferentes. Diante da impossibilidade de existir com segurança, transparece a necessidade de resistir. Transformar o cenário de cerceamento do campo do fazer em ajustamento criativo.

3324

Segundo Akotirene (GONZALEZ apud AKOTIRENE, 2018):

O pretoguês resulta da interação entre língua do colonizador e resistência linguística dos africanos. Como as mulheres brancas não maternaram seus filhos, impuseram a educação dos pequenos às mulheres negras, estas últimas transmitiram por gerações os signos linguísticos de África para o sistema linguístico colonial, segundo Lélia Gonzalez, autora do termo. As mães pretas atuaram como intelectuais da sociedade brasileira e não foram meras serviçais. Se consciência é tudo aquilo que a memória não pode apagar, segundo argumentava, é preciso compreender que mães pretas transmitiram a intelectualidade africana para a sociedade brasileira, a prova do golpe linguístico está simbolizado na paixão patriarcal pela bunda da brasileira, na verdade memória quimbundu. (AKOTIRENE, 2018, P. 68)

Compreende-se que a relação de resistir em meio ao existir se fez presente desde a antiguidade, entretanto se torna imperativo questionar a presença desse fenômeno nos dias de hoje. Apesar dos conteúdos da obra “Por Um Feminismo Afro-latino-americano” (2020) fazerem referência aos anos de 1979 a 1994, sua leitura se apresenta bastante atual.

Em 2004, o Estado brasileiro também recebeu condenação pela inobservância da discriminação racial sofrida por Simone André Diniz, pois, em 1997, ao pleitear uma vaga de

empregada doméstica, ela encontrou no anúncio da Folha o requisito de “preferência branca”, presencialmente sua inelegibilidade do pleito por ser uma mulher negra. Após essa vítima apresentar a queixa na Delegacia Policial de Investigação de Crimes Raciais, o Estado brasileiro, sobretudo através do Ministério Público, esvaziou a investigação policial, solicitando o arquivamento, por considerar que a criminosa, senhora Aparecida Gisele Mota da Silva, nem sequer praticou atos que pudessem constituir o racismo previsto na Lei 7.716/89, havendo o deferimento do juiz competente sem a desmarginalização de classe, raça e gênero sugerida pela interseccionalidade. (AKOTIRENE, 2018; pág 38)

Diante de diversos abusos e do desamparo social, ainda se exige que as mulheres negras se adaptem e aceitem tais condições. Apesar dos esforços, as mudanças não ocorrem de forma súbita; pelo contrário, levaram-se anos para reivindicar e alcançar as condições mínimas de humanidade, direitos igualitários e equidade. Nesse contexto, a Gestalt terapia propõe, como mecanismo da relação humana com o mundo, o potencial de ajustamento criativo que o homem tem diante da ansiedade gerada frente novos fenômenos que emergem no contato, tendo esses que passar por um processo de assimilação e não somente serem introjetados passivamente. Sendo assim, quando surgir a ansiedade frente ao novo, o indivíduo em suas condições conscientes, deveria pôr em prática essa assimilação, e se ajustar com teor criativo à nova informação anexada ao seu ser, permitindo-o se mostrar na relação. Esse conceito pode ser aplicado ao processo histórico de docilização das mulheres negras, descrito por Lélia Gonzalez (2020), Devido às mudanças extremamente lentas da sociedade e às agressões disfarçadas de educação, ética e respeito, as mulheres negras se veem obrigadas a acatar as exigências de uma sociedade branca e impositiva.

3325

Historicamente, segundo Lélia Gonzalez (2020), as mulheres negras passaram por um processo de docilização adoecedor, na qual há romantização do sofrimento através de sua banalização. Durante séculos esse grupo luta por direitos que não a representam e beneficiam da mesma forma que ocorre com a outra parcela da comunidade (mulheres brancas e homens negros). Há uma desvalorização de suas ações, onde seu papel social é lido com de coadjuvante diante da negritude e no coletivo de mulheres, sendo estereotipada e agredida. Reduzir a vivência da negritude, à neurose, uma categoria científica de Fritz Perls é apagar todo o sofrimento histórico que ainda perpassa o sofrimento dessas mulheres no dia a dia, com seus companheiros e filhos sendo massacradas por um sistema que busca apenas usufruir diante de seu sofrimento.

Diante do exposto, podemos refletir sobre o ajustamento criativo que apresenta-se como a regulação de uma forma nova e/ou saudável de lidar com o problema. Sendo este conceito a forma pela qual a pessoa e/ou grupo encontra para se adaptar às imposições que a sociedade estabelece por meio das relações sociais, econômicas e culturais. Vale ressaltar, entretanto, que o ajustamento criativo não fala somente de uma resposta saudável e fechamento de gestalt, mas também do enfrentamento que se transforma em sintoma, adoecimento e organizações defensivas. Reconhecendo, portanto, o ajustamento isento de criatividade como uma forma de acomodação na qual o sujeito não se coloca como protagonista, mas servente do outro, se cristalizando diante do problema.

Segundo Frazão e Fukumitsu (2014):

“O ajustamento criativo não significa prescindir do já conhecido, do vivido, nem repetir o que é tradicional, mas ser capaz de um reposicionamento singular, diferente e pessoal do tradicional, recriando-o. Ajustamento criativo é então a capacidade de pessoalizar, subjetivar e se apropriar das experiências que acontecem no encontro com a alteridade, processo contínuo no campo organismo/meio.” (FRAZÃO e FUKUMITSU, pág 65, 2014).

O conceito se refere não somente à vivência de uma realidade sobre o espectro da necessidade de mudança frente ao fenômeno, mas também de uma necessidade de transformação/reação àquilo que causa desconforto/desequilíbrio. Revela-se então uma hierarquização de necessidades diante da impossibilidade de solução de múltiplos incômodos simultaneamente. Cria-se assim uma ordem de categorização/classificação para responder a essas questões a partir da pungência de resolução que cada problemática apresenta diante de uma configuração existencial.

3326

Diante da configuração existencial da negritude, observamos diferentes necessidades a serem exercidas. Socialmente, existe uma expectativa para a performance de determinados comportamentos, obrigações e aparências, o que entendemos como o desempenho de papéis sociais. Ao corpo negro fica reservado a condição de carregar estereótipos e expectativas impostos pela sociedade, os quais colaboram para a sua subordinação em um sistema persecuidor, opressor e violento. O ajustamento criativo do corpo negro se coloca em um lugar de necessidade básica: a sobrevivência em um sistema que observa a sua resistência como ameaça. Esse sistema neocolonial, mantido por grupos que sustentam uma ideologia de branqueamento e naturaliza o apagamento histórico da comunidade negra.

Segundo Nei Lopes (2022) em seu livro “Bantos, Malês e Identidade Negra”:

“No Brasil, país onde convivem diversas culturas, os africanos deixaram fortes traços de sua identidade na religião, na história, nas tradições, no modo de ver o mundo e de agir perante ele, nas formas de arte, nas técnicas de trabalho, fabricação e utilização de objetos, no modo de falar, na medicina popular e em muitos outros aspectos. Esses traços,

recriados pelos afro-brasileiros de uma forma inconsciente ou não, são o que mais claramente define a identidade nacional. No entanto, as camadas dominantes sempre se mostraram culturalmente estrangeiradas, tendendo ora para a Europa, ora para a América do Norte. E recorrentemente preocupam-se em transmitir do Brasil uma imagem de país "branco" ou, quando muito, "mestiço" - como corolário da alegada "democracia racial" reinante no país. Então, analisando a história passada e atual do país, o que se constata é a constante negação, ao povo negro, do direito a sua própria identidade, manifesta em suas ações e sua memória, como consagrado no art. 216 da Constituição, anteriormente mencionada". (LOPES, 2022, página 202).

É indispensável observar a grande importância da cultura afro na formação dos costumes brasileiros, não omitindo a resistência da manifestação dessa vivência, que por muito tempo foi silenciada e criminalizada, mesmo que essas contribuições culturais se configuram como recursos potentes para ampliar os processos de ajustamento criativo. Uma vez que a identidade também é construída pela cultura, utilizar os “manifestos/manifestações” herdados pelo povo negro e reinventados pelos afro-brasileiros é uma das ferramentas para ampliar de forma saudável os processos de ajustamento criativo. Apropriar-se e identificar-se cada vez mais com áreas muitas vezes designadas ao povo branco/caucasiano, que historicamente apagaram a participação do povo negro, é também uma forma de reivindicar espaços e afirmar identidades, garantindo a possibilidade de existir. Apesar da consciência atual do caráter racista que existe na criminalização dessa cultura anos atrás, como as religiões de matriz africana, o samba, o maracatu e a capoeira foram entendidos como crime de vadiagem. Expressões que fazem parte essencial da vivência cultural brasileira em diferentes lugares do Brasil, bem como Pernambuco. Atualmente, observa-se uma maior consciência do que entendemos como racismo recreativo, criminalizando-o e combatendo-o. Entretanto tal fato não torna esse fenômeno inexistente, pelo contrário, há uma modernização e sutileza em representar tal violência de forma disfarçada. Parte desses atos se relacionam com a prática de despersonalização da cultura afro-latina em comunidades brancas que utilizam dos costumes, instrumentos e trejeitos reformulando, esbranquiçando e pervertendo seus significados, sem dar o devido crédito à comunidade negra. Apesar disso, essas manifestações culturais continuam a oferecer novas formas de expressão e resistência, permitindo que indivíduos e comunidades reelaborem suas identidades e modos de ser no mundo, transformando o que outrora foi criminalizado em fontes de poder e criatividade.

Uma das reivindicações políticas mais marcantes é a resistência do samba, que, ao contar uma história política e cultural, torna-se uma forma de resistir e existir. Durante a criação de sua obra musical “Zé do Carço”, Leci Brandão se inspira na história real de José Mendes da Silva, residente da comunidade do Rio de Janeiro (Vila Isabel) que buscava informar e mobilizar a população, por meio do equipamento de alto-falante, sobre notícias relevantes à comunidade (QUEIROZ e LUZ, 2020). Zé do Carço se apresentava como figura ativa e de

liderança diante do enfrentamento dessa realidade. A música reflete, também, sobre a desvalorização da atividade laboral exaustiva do povo negro de baixa estabilidade financeira em eventos como o carnaval e a falta de reconhecimento dessa categoria como fundamental para perpetuação ao longo de vários dias, marginalizando o trabalho realizado por esse grupo.

Observa-se a desvalorização e apagamento dessa história na venda da imagem ao estrangeiro do que é o carnaval, onde a mulher negra, é tida como um produto de exportação, no qual o seu corpo é objetificado através da superexploração econômico-sexual, e o homem negro – principalmente de classes mais baixas – tem sua participação reduzida à serventia e manutenção do bem-estar do outro para que esse possa usufruir do momento, antes criminalizado e entendido como vadiagem quando reproduzido pela comunidade negra.

Além de outros casos explícitos de perversão da cultura negra em que ocorre, a desvalorização da identidade cultural, gô que desempenhava um papel importantíssimo enquanto resistência da comunidade negra, tanto em ferramentas físicas, quanto em identidade, marcando a existência de um povo que forçadamente era esquecido. Essa subversão ocorre através da apropriação, por grupos brancos, que apagam os significados e resistência de um povo para propósitos estéticos e a comercialização desses corpos por meio da grande mídia, que se beneficia ao utilizar do engajamento/lucro que essa temática pode trazer. Compreende-se também o quão complexo se torna enfrentar tais vivências quando a reprodução desses serviços, muitas vezes é sinônimo de fonte de renda para comunidade negra e periférica.

3328

As reflexões supracitadas trazem arcabouço para refletir sobre a atuação feminina negra na sociedade, uma das principais problemáticas postas em discussão pelo presente artigo. Faz-se importante refletir sobre o papel que é imposto a esse primeiro grande grupo desde a antiguidade. Historicamente, o gênero feminino era concebido como inferior, marginalizado e incapaz, além de ter suas questões frequentemente invisibilizadas. Pensando na vivência da mulher negra no Brasil, é possível notar um preconceito intrínseco desde a chegada dos colonizadores ao país. Atualmente essa realidade caracteriza-se por perdurar ideais machistas e racistas fundamentados em um sistema no qual a mulher branca, apesar da violência sofrida, ainda é vista como um modelo de referência positiva quanto ao ideal do que é ser mulher.

Segundo Akotirene (2018, pág 35), a interseccionalidade:

“demarca o paradigma teórico e metodológico da tradição feminista negra, promovendo intervenções políticas e letramentos jurídicos sobre quais condições estruturais o racismo, sexismo e violências correlatas se sobrepõem, discriminam e criam encargos singulares às mulheres negras.” (AKOTIRENE, 2018, pág 35).

Através dessa reflexão se faz necessário observar as questões que atravessam a mulher negra de forma que a sua valorização não seja realizada. Como citado anteriormente, as necessidades de sobrevivência surgem através do não reconhecimento de sua existência, fazendo com que o ajustamento criativo desse grupo (mesmo que de forma não completamente saudável) se anule em suas relações na tentativa de se igualar ao opressor e se integre ao meio como forma de sobrevivência. Ao falarmos de negritude e gênero demarca-se um viés político onde a desvalorização dos corpos se faz presente numa busca enraizada de colocar o indivíduo branco como detentor do saber e da justiça, estabelecendo-se como figura de um sistema que perpetua a desigualdade social e deixa a deriva indivíduos que não colaborem com as demandas impostas.

Ao suscitar o conceito de super inclusão proposto por Kimberlé Crenshaw em seu livro “Interseccionalidade” (2018), Carla Akotirene possibilita o limiar de provocação à reflexão das diferentes formas em que mulheres negras são expostas às vulnerabilidades sociais não discutidas em grupos dos quais faz parte, sendo eles os de gênero e raça (AKOTIRENE, 2018). Compreende-se a sub-inclusão como “tornar invisível um conjunto de problemas emersos de forças econômicas, culturais e sociais silenciadas” (AKOTIRENE, 2018, pág 42). Posto isso, as pautas que deveriam ser voltadas para mulheres negras tornam-se sub-incluídas por meio de um apagamento histórico e um olhar invisibilizado, o que possibilita a continuidade de sua desvalorização.

3329

Esperança Garcia, autora do documento histórico considerado uma das primeiras cartas de direto, apresenta em sua escrita aspectos de resistência em um tempo no qual sua trajetória é marcada por sofrimento e luta (Instituto Esperança Garcia, 2019). Em “A Carta” (GARCIA, 1779) manifesta-se o grito de uma mãe que busca pelo direito de permanecer junto aos seus familiares, revelando a potência feminina negra em tempos de silenciamento. Diante desse cenário, a exclusão racial e de gênero manifestam-se na contemporaneidade de forma que figuras importantes como Esperança Garcia se tornam pouco visibilizadas num movimento no qual a ‘luta social’ se nega a correlacionar questões de gênero, raça e classe. Fazendo com que a vivência feminina negra se molde aos aspectos sociais que a atravessam e contribuem para o ajustamento criativo na busca de satisfação de uma necessidade de sobrevivência inerente aos modelos sociais estabelecidos. Ainda assim, sem fantasiar, mas estabelecendo uma ligação entre a realidade e sua vivência. Não significa dizer, também, que corpos negros não possuem traços neuróticos, esses podem surgir a partir de outras questões que não se relacionem com o racismo, aspecto real que segue – mesmo com movimentos políticos de luta por igualdade – afetando a

vida de homens e mulheres que buscam pelo reconhecimento e respeito de uma sociedade tomada por conceitos de negritude.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As considerações trazidas no texto elucidam como a mulher negra perpassa por um processo de elaboração de identidade complexo, reorganizando os sentidos atribuídos a sua essência e aos seus vínculos afetivos. Esse grupo, através do apagamento e de sua desvalorização, torna-se pouco favorecido diante dos direitos propostos pelo país. Observar a importância de sua historicidade e vivência evidencia a sua relevância para a formação de uma sociedade que a despreza pelo fato de fazer parte de dois grupos relativamente postos como minoria em relação ao homem branco. A mulher negra, diante dessa perspectiva, é afetada de forma que seja vista apenas como objeto de servidão, diante dos seus pares: homens negros e mulheres brancas, fazendo com que a perspectiva de raça mais gênero seja evidenciada numa equação na qual a mulher negra está inserida apenas para dar resultados e não para ser incluída.

Utilizando como exemplo a perspectiva de hierarquia de necessidades, a mulher negra coloca-se no lugar de atingir suas necessidades básicas e de segurança, muitas vezes sendo condicionada a não pertencer à auto-realização, ficando presa ao estigma enraizado na sociedade e nela mesma. Diante disso, faz-se necessário pensarmos que a hierarquia social também faz parte do processo no qual a mulher negra vê-se menos favorecida diante das três categorias mais valorizadas, sendo elas: o homem branco; a mulher branca e o homem negro; nesta ordem. Diante do gênero e da negritude que se manifestam em seu âmago, a mulher negra torna-se um exemplo claro de luta pelas necessidades fisiológicas e de segurança, exigidos pelos grupos de gênero e raça que buscam a garantia de direitos.

A partir disso, percebe-se a intensa relação deste ser com a interseccionalidade, ou seja, esta é atravessada pela raça, cor, classe social e gênero, evidenciando a sua vulnerabilidade social. É a partir do seu ajustamento criativo desfavorável que a mulher negra busca encontrar-se num lugar de segurança, mesmo que as marcações presentes demonstrem que tais fatores não dependem apenas dela, mas dos outros grupos que a colocam estruturalmente num lugar de servidão. A mulher negra perpassa por atravessamentos relacionados com a sobrecarga de responsabilidades e condicionamentos sociais geradores de dessubjetivação e alienação social, fatores que evidenciam a sua vulnerabilidade diante dos grupos dos quais faz parte. Faz-se uma equação na qual ela serve ao meio, mas o meio não a retribui. Tal ajustamento criativo, portanto,

não parte apenas dela e de sua vivência, mas de uma sociedade que valoriza e prioriza os corpos brancos e a masculinidade.

Além disso, é necessário evidenciar a precariedade da Gestalt terapia no sentido de haver poucas publicações e discussões diante de um tema que faz parte do cotidiano da sociedade no geral. Levando em consideração que tal apagamento diante da abordagem também evidencia o ajustamento social no qual estamos inseridos, direcionando ao esquecimento corpos que para este sistema não são relevantes. Sendo esse um exemplo claro da importância de discussão não apenas na abordagem, mas na Psicologia como um todo, evidenciando as diferentes formas de atribuições sociais humanas, suas formas de lidar com o imposto e dentre outras questões que fazem parte do psíquico. Diante disso, o humano é visto como um ser bio-psíquico-social, atravessado por tais demandas que devem ser discutidas e valorizadas.

A utilização do termo “neurose” apenas enquadraria um grupo em questões para além do psíquico, questões envolvidas com o social e a questão biológica, uma vez que fenotipicamente esta torna-se desfavorecida de privilégios e valorizações traçados por outros grupos. Compreende-se que a mulher negra possui importante papel na sociedade, para Lélia Gonzalez (2020) é desse corpo social que parte o conceito denominado “resistência passiva” o qual perpassa a ideia de que a cultura hoje construída no Brasil faz parte de uma luta micropolítica, sendo esta a atitude de passar costumes, gírias e dentre outros valores que faziam parte desse povo e agora parte de uma outra nação, mesmo que esta continue a desvalorizá-lo.

3331

O movimento dessas mulheres podem ser ditos como não criativos, se formos olhar à risca uma abordagem ou perspectiva enrijecida, sem levar em conta o contexto ou campo o qual essa mulher está inserida. Podendo vê-los como ajustamento criativo por adaptação, abarcando as possibilidades de vida e de viver que são fornecidas para essas mulheres, tendo elas que se adaptar, se “acomodar” e serem criativas para a perpetuação de sua vida e de possibilidades do viver. Frente a isso, surge a crítica de que, não podemos olhar o indivíduo apenas pelas lentes da abordagem e sim expandi-las para o real, buscando a compreensão de como se dão as diversas vivências que o mundo oferece, bem como suas relações, incrementando o contexto social, ético e político em que elas ocorrem.

REFERÊNCIAS

- AKOTIRENE, Carla. Interseccionalidade. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.
- ARRELIAS, Livia. Sentidos em Gestalt-terapia, novas vozes, novos olhares. Capítulo 8: Reflexões da clínica gestáltica sobre relações raciais. 2020.
- BENTO, Cida. O pacto da branquitude. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

- CARONE, Iray; BENTO, M. et al. Psicologia do racismo: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil. 2023.
- DEALDINO, S. S. Mulheres quilombolas: territórios de existências negras femininas. São Paulo: Jandaíra, 2020.
- FANON, Frantz. Peles negras, máscaras brancas. São Paulo: UBU, 1952.
- FRAZÃO e FUKUMITSU. Gestalt-terapia: conceitos fundamentais: 2. Abril de 2014.
- GIL, A. C. Como elaborar projetos de pesquisa. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- GONZALEZ, Lélia. Por um feminismo Afro-Latino-Americano: ensaios, intervenções e diálogos. Organização de Flavia Rios e Márcia Lima. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.
- LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. Fundamentos de metodologia científica. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.
- LOPES, Nei. Bantos, malês e identidades negras. Coleção Cultura Negra e Identidades. 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2022.
- MARTÍN, A. Manual práctico de psicoterapia de Gestalt. Tradução: ORTH, L. M. E. 6. reimpressão, 2023.
- QUEIROZ, Janaína Souza; LUZ, Nanci Stancki. Ubuntu e Quilombismo na práxis de Leci Brandão. Cadernos de Gênero e Tecnologia, 2020.
- SOUZA, Neusa Santos. Tornar-se negro. Prefácio de Maria Lúcia da Silva e Jurandir Freire Costa. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.
- PERLS, Fritz. Abordagem Gestáltica e Testemunha Ocular da Terapia. 1º ed. (Traduzido da primeira edição de The Gestalt Approach & Eye Witness to Therapy, publicada em 1973 por Science and Behavior Books, de Paio Alto, Califórnia) Rio de Janeiro, RJ: LTC — Livros Técnicos e Científicos Editora S.A., 1988.